

**RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER**

# **GERMES DE FUTURO NO HOMEM**

Civilização Planetária do Terceiro Milênio

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



# **CIVILIZAÇÃO PLANETÁRIA DO TERCEIRO MILÊNIO**

## **NOVO SIGNO DO TEMPO**

Abordar o tema de “Germes de Futuro no Homem” implica, de alguma maneira, tentar um contato direto com a mensagem do novo signo do tempo.

Não me é fácil falar destas coisas. Trata-se de algo germinativo, incipiente, pré-figurativo (quero dizer que está antes da forma). Trata-se de algo que transcorre antes por dentro do que por fora.

É mais fácil falar daquilo que está já consolidado na matéria, daquilo já delineado nas instituições. Em outras palavras, é mais fácil descrever os restos fósseis de animais pré-históricos e as ruínas de civilizações perdidas, do que perceber as primeiras configurações que se anunciam no horizonte do porvir.

Atualmente, a humanidade se encontra em uma dessas curvas privilegiadas da História, onde o “tempo do fim” coincide com o “tempo do princípio”. Assistimos, sem perceber muito bem, a uma dessas maravilhosas singularidades do tempo: a coincidência entre o ocaso dos antigos deuses e o nascimento de um novo sol.

Nesta “fronteira do tempo”, na qual hoje vivemos com uma mescla de desilusão e esperança, nesta “zona de passagem” entre o crepúsculo da era de Peixes e as primeiras luzes de Aquário, neste momento de transição eônica, coexistem no planeta duas culturas diferentes, não só porque suas formas institucionais e seus sistemas de valores sejam diferentes, mas porque suas “setas de tempo” apontam em direções diferentes: uns vão e outros vêm. A biologia moderna, sobretudo a partir das investigações de Ilya Prigogine e sua escola, nos mostra esses pontos críticos de “bifurcação” da corrente da vida (a partir daí, um ramo ascende e outro desce).

Atualmente, encontramos-nos oscilando em uma dessas “zonas críticas de flutuação co-evolutiva”. Por isso, é tão difícil hoje em dia diferenciar o novo do velho. É difícil distinguir o que tem vida, o que é germinativo, o que tem futuro, do que só é casca vazia, forma sem conteúdo, aparência e simulacro de um mundo que passou.

## **Mensagem**

Dissemos que falar de “Germes de Futuro no Homem” era querer aproximar-nos da mensagem do novo signo do tempo. Porém, precisamente aqui, se apresenta outra dificuldade. Hoje, tudo está revirado e é muito difícil diferenciar o que é “mensagem” do que é “contramensagem”.

Muitas das mensagens chamadas - de futuro - que circulam pelo mundo são mensagens de uma velha época, mensagens do mundo de ontem que não servem para o mundo de hoje. São mensagens que foram pronunciadas por outros homens, em outro tempo e em outro mundo, e que continuam sendo repetidas, ainda que esses homens e esse mundo já tenham morrido. São como essas vozes gravadas dos astronautas que morreram no espaço, presos em suas cápsulas, vozes que continuam ressoando como espectros verbais daqueles que as pronunciaram, palavras mortas que perderam contato com o alento primigênio da Vida. São vozes sem mensagem.

Henri Lefèbvre, em sua aguda crítica a nossa civilização tecnocrática (uma tecnocracia que pode conduzir-nos do “*homo sapiens*” ao “*homo ciberneticus*”) indica com muita clareza essa muralha que se levanta ante nossos olhos, como uma verdadeira “barreira de tempo”.

Diz Lefèbvre: “A cultura atual se encontra frente a uma barreira difícil de cruzar”.



E acrescenta que, frente a esse umbral, se produz um fenômeno de refluxo que se manifesta através do fenômeno de massa, de repetição: “Tudo se repete, todo se reedita. A moda retoma os modos passados, o que parecia abolido pela História - incluindo a guerra e o abuso de poder - se repete com uma obstinação extraordinária”<sup>1</sup>.

### **A Revelação pós-moderna**

O que Lefèbvre não diz é: qual é a natureza desta barreira que nos fecha a passagem? Tampouco diz como cruzá-la!

Porém, antes de responder a estes interrogantes, impõe-se uma pergunta prévia: Existe realmente uma mensagem que venha do futuro e que possamos reconhecer como mensagem do novo signo do tempo?

Sim, existe, mas temos dificuldade em reconhecê-la. E não a reconhecemos porque procuramo-la onde não está. Procuramos o profeta, em lugar de sintonizar com a “radiação profética”.

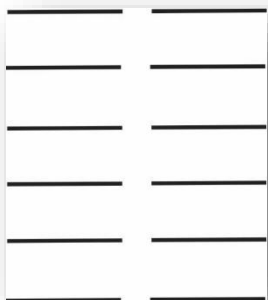
Como se descobre esta “radiação profética”? Como se de-cifra seu código semântico? Não se descobre nem se decifra. Revela-se!

E esta é uma das chaves secretas, se não a principal, da mensagem implícita no novo signo do tempo.

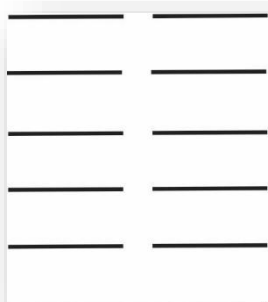
### **Uma nova revelação muda a geometria do espaço humano**

Como diz o I CHING: “Ao final da noite, a luz que havia sido expulsa volta a ingressar”.

Este “ingresso da luz” é o acontecimento paradigmático que “inicia” a nova era.



**KUN**



**FU**

O signo do tempo mudou. O mundo já não é o mesmo. A casa que habitávamos ficou sem sustento.

Como se manifesta este ingresso da luz? Manifesta-se expondo o poder da sombra.

A revelação pós-moderna tem uma característica que a diferencia das formas da revelação que pertencem a outras épocas históricas. Trata-se de uma revelação profético/científica.

São duas revelações? Não, são duas fases de uma mesma revelação!

Quando Einstein, referindo-se ao instante em que tem a clara visão das equações matemáticas que formulam a teoria da relatividade, diz: “Uma luz maravilhosa se fez dentro de mim”, o testemunho do cientista não é diferente da experiência interior do místico. Não existem duas revelações, mas uma só. Nos altos cumes do pensamento e

do amor, o sábio e o santo se encontram. Hoje, já não nos é estranho que Einstein dialogue com Rabindranath Tagore e David Bohm, com Krishnamurti.

De qualquer modo, o “ingresso da luz” é o que poderíamos chamar de “face iluminativa” da mensagem. Porém, há outra face da revelação que podemos chamar “genética”. A primeira (iluminativa) se refere à “leitura” da mensagem. A segunda (genética) tem a ver com a “*signatura*”: é a “comoção da mensagem”, “leitura”, “*signatura*”.

### **Germes de Futuro no Homem**

Em 1966 saiu à luz meu primeiro livro “*Gérmenes de Futuro en el Hombre*”. Naquele momento, eu intuía que, para além das revoluções sociopolíticas do século XIX e para além da revolução científico/tecnológica do século XX, se anunciavam no horizonte do porvir os primeiros sinais de uma mudança antropológica que começavam a con-figurar a nova geometria sociocultural do século XXI.

Quando tudo parecia confuso na superfície do magma social, nas águas profundas da vida estava sendo gestado algo novo!

Estes primeiros “acordes” de um novo sentir, estas primeiras “con-figurações” de um novo pensar, estas primeiras “pre-figurações” de uma nova geometria da vida, eu chamava – e continuo chamando - “germes de futuro no homem”.

Minha maior dificuldade era - e continua sendo - traduzir a visão interior para a esfera do pensamento. Tive que utilizar, nesse momento, mais a força da alma do que a linguagem da ciência.

No entanto, cedo percebi que análoga dificuldade têm os cientistas quando querem traduzir para a linguagem comum, a visão intuitiva do espaço/tempo relativista - ou a dança de partículas em um campo quântico para as fórmulas da linguagem matemática.

E o que dizer dos astronautas? Tampouco eles têm palavras para seus contemporâneos da Terra!

O que é que acontece, então?

O que acontece é que penetramos em um novo espaço, mas ainda não sabemos navegar nele.

O “tempo intrínseco” de nossa própria matéria viva já não é o mesmo.

O “cânon antropológico” mudou. A relação do homem com o cosmos tem uma medida diferente.

Da vontade prometeica do homem terrestre, nos transferimos, sem perceber muito bem, às primeiras cintilações de uma consciência cósmica.

O desafio do novo tempo não é de natureza metafísica, teológica ou epistemológica, mas “fisiológica”.

O que entrou no jogo da história não é uma nova ideologia, mas uma nova corrente de energia/consciência, uma mensagem portadora de um novo “código gen-ético”.

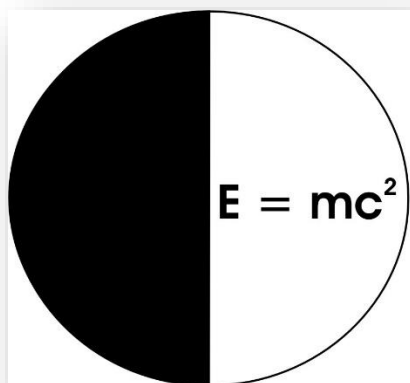
### **“Gen-ético”**

Esta nova mensagem “vibratória” não só comove as bases de nossas instituições sociais, senão que irrompe em nossa própria biologia molecular e muda a geometria da vida. A “fisiologia humana” vibra hoje em ritmo diferente.

Todos vibramos hoje ao ritmo de uma “lei” cuja dinâmica intrínseca ainda não chegamos a reconhecer. Porém, este des-conhecimento não “impede a operatória” dessa lei. Em outras palavras, hoje sofremos e padecemos a mensagem, antes de reconhecê-la. Nossa sensibilidade, nosso modo de pensar, nossa própria “matéria”, são ainda instrumentos demasiado rígidos para entrar em “ressonância” com o ritmo da mensagem do novo signo do tempo.



Desembocamos aqui em uma “crise do conhecimento”. O conhecimento fragmentado que hoje possuímos tem respostas para o mundo, mas não tem respostas para o homem. O homem cósmico nasceu, mas faz falta uma ciência que o explique. A ciência que possuímos só nos dá a “metade da fórmula”.



### **Antropologia de síntese**

Como resposta ao desafio que acabo de mencionar, nasceu meu livro “*Antropologia de síntese*”. Oito anos levei para escrevê-lo e foi publicado em 1980.

Aqui já não é a ciência explicando o homem, mas o homem explicando-se a si mesmo com a linguagem da ciência.

Antropologia de síntese não parte de uma pergunta metafísica: “o que é o homem?”. Nem de uma pergunta histórico/evolutiva: “o que foi do homem?”. Senão que parte de uma nova função, de uma nova con-figuração - entre os valores da alma e a química da vida.

### **“Configuração”**

Como se manifesta esta nova estrutura/função na dinâmica co-evolutiva do ser humano? Eu diria que se manifesta como “função de ressonância”.

A primeira coisa que percebi como resposta orgânica ao “ingresso da luz” foi uma “mudança de ritmo” em minha própria fisiologia. Não se tratava só de iluminação, mas de “comoção”. Da ideia da mensagem, passava à “energ-ética” da mensagem.

### **“Energ-ética”**

Da metafísica do conhecimento passava à geometria da vida. Passou-se muito tempo, antes que pudesse dar-me conta da “operatória” deste novo ritmo, não sem antes passar por algumas enfermidades e perturbações orgânicas que hoje qualifico de “enfermidades de evolução”. Digo “enfermidades”, porque tive que aprender com dor que as novas funções orgânicas, as funções que podemos chamar evolutivas, ou melhor co-evolutivas, emergem através de um processo de desintegração/transmutativa da matéria. Isso eu sabia teoricamente, havia aprendido dos alquimistas - e também o havia aprendido da ciência moderna: a biologia molecular (Ilya Prigogine e sua escola dizem que sem “ruptura de simetria” não há evolução). Porém, uma coisa é ler isso nos livros ou vê-lo no laboratório, e outra muito diferente é vivê-lo e padecê-lo no próprio corpo!

Ao vivê-lo, ao experimentá-lo, ao in-corporá-lo, ao sustentar por dentro o ritmo vibratório do que é novo, a mensagem me revelava sua própria "lei". Porém, já não era a revelação escrita, mas a revelação inscrita.

### **“In-scrita”**

Esta nova "lei", que abre um novo caminho vibratório para os homens e as mulheres que vêm é uma lei de “reversibilidade de valores”.

O que é reversibilidade de valores?

Em uma primeira aproximação, podemos dizer que é “uma mudança na direção da força”, um giro de 180° por dentro!

“Dai-me um ponto de apoio e moverei o mundo”, dizia Arquimedes. É a vontade do homem prometeico: mais cavalos de força, mais televisores, mais dívida externa, mais megatons...

Porém, agora as coisas são diferentes, o mundo mudou. Depois da ruptura atômica, a casa que habitávamos ficou sem sustento. Os pontos de apoio que tínhamos no mundo de ontem ficaram desestabilizados. Uma poderosa corrente de mudança comove as bases do mundo contemporâneo. O centro de gravidade existencial foi subitamente transferido do mundo exterior para nosso mundo interior. Porém, tampouco é um ponto fixo (para instalar-se ali, para permanecer ali), mas um ponto de “fixação/expansiva”.

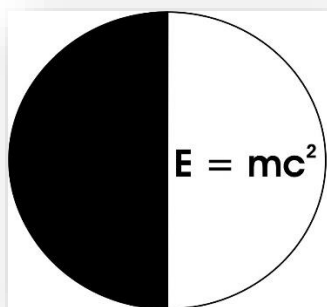
### **“Fixação/expansiva”**

Da rígida vontade do homem prometeico, passamos à “estabilidade dinâmica” do homem místico.

Estabilidade/dinâmica é reversibilidade de valores. Trata-se da operatória de uma nova lei. Uma lei de transformação co-evolutiva que, em física quântica, reconhecemos como transições bruscas de partícula/onda, matéria/antimatéria, em biologia molecular como flutuações de matéria/informação. E, que no mundo humano começamos a experimentar como giro interior, trânsito entre a vontade de poder e a expansão de consciência.

### **“Trâns-sito”**

A nota chave da mensagem do novo signo do tempo é este movimento de “reversibilidade de valores”, movimento intrínseco da criatividade, fundamento energético da liberdade interior, transposição da vontade à consciência, da matéria ao espírito e do espírito à matéria.



É a “outra metade” da fórmula. Um novo sentido do esforço.

Atualmente, abriu-se uma brecha geracional entre tipos humanos que se diferenciam entre si pelo modo de manejar a força.

Lemos uma notícia que vem de Moscou e que diz o seguinte:

“Os militares soviéticos da velha guarda resistem à doutrina propugnada por Mikhail Gorbachov, segundo a qual, “a estratégia defensiva soviética” não deve ter parâmetros quantitativos, mas qualitativos”.

Havendo chegado a este ponto de nossas reflexões acerca da mensagem do novo signo do tempo, devemos deter-nos para olhar. Diante da visão profunda, nos é revelada a “face luminosa” da mensagem: germes de futuro no homem, reversibilidade de valores, ingresso da luz, nova aliança. É a dimensão transcendente da mensagem. Porém, no ponto de máxima expansão de consciência, a onda do sentir volta sobre si mesma e entra em “ressonância” com os aspectos mais conflitivos do ser humano e com as formas mais obscuras da matéria. O que vemos ali? O que sentimos? Vemos e sentimos o “poder da sombra”, a face obscura da mensagem, sua dimensão apocalíptica: a AIDS, a droga, a perturbação ecológica do planeta, o desequilíbrio econômico-financeiro mundial, a delinquência organizada... Algo nos escapou das mãos. Como contrafigura do desenvolvimento da ciência e da técnica, estamos padecendo hoje de verdadeiras “enfermidades sociais”, por carência de ultraelementos

espirituais (ou, para empregar a terminologia do sociólogo crítico Jean Baudrillard, por “implosão de massa”).

### **“Implosão de massa”**

Como se conserta todo este desequilíbrio social e ecológico que padecemos?

Como se controla a droga, a AIDS, a delinquência juvenil, a venda de órgãos humanos? Mais prisões, mais institutos psiquiátricos? Mais tecnologia? Ou mais repressão?

Penso que isto já não se cura com palavras, com dialética. Já não se arruma com informática, com engenharia genética, com teorias psicológicas, com filosofias políticas, com economias de mercado. Requer-se para isso a presença de um novo poder. Faz falta liberar a poderosa energia encerrada possessivamente no ser humano por um materialismo aniquilador da vida.

Conquistada a energia atômica, a energia social de organização e a energia eletrônica de informação, avançamos agora em direção à liberação de uma “energia de aliança” até agora desconhecida. Trata-se do uso inteligente da energia criadora.

Esta energia “híbrida”, força de ‘enlace’ entre o céu e a terra, “ressonância” de espírito/matéria, essa energia criadora, preservada até hoje para os deuses e acessível somente nos altos cumes da inteligência e do amor, começa a ser reconhecida como “bem intrínseco” de toda a humanidade e a ser utilizada como força de liberação, como “ponte energética” entre a consciência psicológica e a consciência espiritual.

Como nos antigos “mistérios”, o trânsito da consciência psicológica à consciência espiritual se realiza hoje através de um novo rito de passagem. Trata-se de cruzar o umbral da sombra. Para isso, já não bastam os ideais da Terra, faz falta o “enlace” com o fogo cósmico (*mysterium conjunctionis*). McLuhan falaria de “hibridação de meios”.

C.G. Jung anuncia uma “constelação de signos”. Eu preferiria falar de “energia de enlace”, como símbolo de aliança humano/divina no próprio coração do homem.

Na era cósmica em que vivemos, o “mistério espiritual” se revela por dentro como busca de identidade e por fora, como caminhada de liberação (uma “longa caminhada” através do deserto da civilização moderna, como diria Thomas Berry), duas fases de uma mesma gênese co-evolutiva (iniciação cósmica da humanidade). Um novo “Êxodo”, uma nova “saída”, uma nova corrente de liberação, uma nova aventura do deserto.

Hoje como ontem, à saída de Egito, a lei do deserto é a mesma: uma estrela que guia do céu e um sacrifício consumado sobre a Terra.

Porém, por que o deserto? E por que um sacrifício?

Porque o nascimento da consciência cósmica reclama hoje uma nova matéria. Já não é suficiente um ideal para sustentar a vida, faz falta a vida para sustentar o ideal.

O vazio existencial e a perda de sentido de que hoje padecemos são os primeiros sintomas de uma experiência do deserto interior, que dissolve os compostos da alma e apaga as pegadas do passado. Ruptura de simetria indispensável para um contato direto com a luz das estrelas.